

A imagem da cidade: cotidiano, sonhos e utopias dos moradores do Cacau Pirêra-Iranduba (AM)¹



Hamida Pereira²
Iraildes Caldas Torres

Resumo

Este artigo apresenta algumas imagens positivas e negativas que os moradores do Cacau Pirêra, distrito do município do Iranduba, têm da cidade de Manaus, com destaque para o modo pelo qual a cidade vem influenciando algumas mudanças nos modos de vida dos moradores do Cacau Pirêra.

Palavras-chave: Cidade. Imaginário. Cacau Pirêra/Iranduba (AM).

Abstract

This article presents some positive and negative images on the city of Manaus, that the residents of Cacau Pirêra, district of the city of Iranduba, have on the City of Manaus, with special reference to the way the city has been influencing some changes in the lifestyles of residents of Cacau Pirêra.

Keywords: City. Way of thinking. Cacau Pirêra/Iranduba (AM).

¹ Este texto foi produzido a partir da coleta de dados que subsidiou a dissertação intitulada *Fronteiras da Vida: o tradicional e o moderno no Cacau Pirêra*, defendida em 2006 por Hamida Pereira no Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

² Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM, especialista em Fundamentos Metodológicos da Pesquisa pela UFAM e graduada em Serviço Social pela mesma universidade. E-mail: hamida.assuncao@gmail.com

A vida na Amazônia tem particularidades que jamais podem ser compreendidas apenas sob a lógica moderna de pensamento. O Cacau Pirêra é uma pequena amostra dessa imensa e complexa realidade amazônica. Povo guerreiro que não desanima, diante das dificuldades encontradas no caminho, os moradores do Cacau Pirêra se distinguem por uma esperança desmedida em dias melhores, mesmo quando o cotidiano parece duro e perverso. Os sonhos e as utopias dos moradores alimentam um futuro repleto de coisas boas para a vida individual e coletiva e para o distrito enquanto espaço geográfico, político e econômico.

O Cacau Pirêra é um distrito do município de Iranduba, que se distancia de Manaus por aproximadamente 30 minutos de travessia de balsa pelas águas do rio Negro. O distrito é um local de fluxo contínuo de cargas e passageiros, que vêm para a capital do Amazonas e que vão para os municípios de Iranduba, Novo Airão, Manacapuru etc.

Não só pela posição geográfica, mas também pela dinâmica da vida e configuração socioespacial, pode-se afirmar que o Cacau Pirêra encontra-se numa zona fronteira. Localizado nas proximidades da cidade de Manaus, o Cacau Pirêra não deve ser compreendido apenas como uma fronteira geográfica situada entre o rural e o urbano. Deve ser compreendido, sobretudo, como uma fronteira cultural, onde hábitos tradicionais e modernos se entrelaçam e se espraiam na vida e no imaginário dos seus moradores.

Desde o surgimento do Cacau Pirêra enquanto colônia agrícola, ocorrido em meados do século XX¹, o estilo de vida dos moradores sofre os impactos da urbanidade. O moderno e o urbano redefinem as formas de pensar, de agir, de falar, de construir as casas, de trabalhar, as crenças entre outros hábitos e costumes, dando outros significados ao cotidiano e aos sonhos dos moradores.

As atividades de trabalho e de subsistência, como a agricultura e a pesca, vêm deixando de ocupar lugar de destaque no mundo do trabalho da localidade, abrindo espaço para outras ocupações que anteriormente eram mais comuns



no espaço urbano que no rural. No distrito, o trabalho assalariado nas olarias, nas plantações e nas casas de família, tornou-se a principal alternativa para aqueles que pouco a pouco têm parado de praticar a agricultura e a pesca. Outra forma de trabalho muito vista na localidade é a venda de frutas, verduras e peixes na feira e no comércio local.

A proximidade do distrito Cacau Pirêra em relação à cidade de Manaus é um fator importante para análise das transformações em curso na localidade. O distrito recebe intensamente os impactos do ritmo frenético da cidade, o que influencia não só as práticas de organização da vida social e o surgimento de um estilo de vida diferenciado, mas também modifica o imaginário dos residentes locais.

A cidade de Manaus pode ser avistada do porto do Cacau Pirêra. A cidade ocupa lugar de destaque no imaginário social dos moradores. Imaginário social, empregado aqui, nos termos de Le Goff (1994), como algo que vai além da simples representação mental, envolvendo a imagem, o símbolo, o significado e a história. Segundo este autor, o imaginário é coletivo e histórico e revela, com minúcias, os acontecimentos do presente e do passado e as perspectivas para o futuro.

O imaginário, enquanto produção para além das representações mentais, envolve a arte, a literatura, a fantasia, o simbólico, o ideológico. Carvalho (1999) considera que a imaginação não é fixa e permite o sonho e o devaneio, ultrapassando a realidade. No Cacau Pirêra, a cidade é símbolo do progresso e do desenvolvimento, é vista como o lugar do sucesso e prosperidade onde muitas pessoas encontram emprego, educação, saúde e habitação de qualidade superior às existentes no distrito. A cidade suscita um conjunto de expectativas aos moradores desta localidade.

Durante a pesquisa de campo, na qual foi realizado levantamento de dados junto aos moradores através de entrevistas com aqueles mais antigos, de questionários com os residentes dos flutuantes e de um diário de campo utilizado

para registrar conversas informais e acontecimentos relevantes ao objetivo da pesquisa, foi possível perceber que Manaus ocupa um lugar de referência no imaginário dos habitantes locais. Maria Madalena, uma das moradoras mais antigas entrevistadas durante a pesquisa, afirmou que “Manaus tem várias facilidades, é mais fácil para arrumar emprego e nas áreas da saúde, educação, esporte e lazer, existe mais recursos disponíveis para a população” (MARIA MADALENA, pesquisa de campo/entrevista, 2005).

Para muitos moradores, principalmente para os mais jovens e aqueles que têm menos tempo de residência no local, o fato de morarem próximo à capital do Estado do Amazonas e poderem se deslocar para a cidade sem grandes dificuldades é umas das principais vantagens de se viver no Cacau Pirêra. Isto pôde ser constatado durante a aplicação dos questionários, os quais tiveram como público-alvo os moradores dos flutuantes, que em sua maioria são migrantes recentes e que estão na localidade há cerca de 30 anos. É importante registrar que foram investigados 10% do universo de 108 flutuantes, dos quais todos afirmaram que vêm à cidade regularmente, ou melhor, pelo menos duas vezes por semana, seja para fazer compras, visitar parentes ou trabalhar.

A cidade de Manaus faz parte da vida dos moradores do Cacau Pirêra. Manaus é descrita como extensão territorial do distrito, sendo mais constantes as idas à cidade do que à sede do município de Iranduba. Observe no discurso de um dos moradores que a referência de cidade é feita a Manaus e não ao Iranduba: “eu me sinto mais perto de Manaus é só pegar a balsa que você já está aqui em Manaus. No Iranduba, você pega o ônibus e está lá também, mas eu acho melhor vir para Manaus, eu acho mais próximo” (MARIA ESPERANÇA, pesquisa de campo/entrevista, 2005).

Os moradores dos flutuantes, quando questionados se se sentiam mais próximos de Manaus ou do Iranduba, 60% informaram que se sentem mais próximos da cidade de Manaus que do município de Iranduba. Merece destaque o comentário da moradora Maria Ednelza que considera que “Manaus é mais



perto e mais barato para chegar lá, porque a balsa é de graça e o ônibus para o Iranduba é pago e caro” (pesquisa de campo, 2005)

A proximidade da capital produz no imaginário social de alguns moradores esse sentimento de pertencimento ao meio urbano, o que afeta não só as ações cotidianas como também tudo aquilo que compõe o estilo de vida e o imaginário. Manaus é exposta pelos moradores como o local mais próximo do distrito e onde se podem encontrar os recursos que faltam no local de moradia. O deslocamento para a capital é visto como solução para muitos problemas vivenciados no distrito, o que nem sempre corresponde à realidade uma vez que em Manaus também há desemprego e problemas nas áreas da saúde, educação etc.

Como foi visto na fala de alguns moradores do Cacau Pirêra, a cidade constitui-se no espaço mais facilitado para ter acesso aos bens e serviços públicos e privados. É na cidade que a vida se realiza plenamente. A imagem da cidade repousa sobre o belo, onde impera a felicidade e a realização. É o que revela uma moradora do distrito: “a vida na cidade é melhor por causa da beleza e da facilidade de se conseguir ter as coisas” (MARIA LUCIELE, Pesquisa de campo, 2005).

A cidade, na fala destes moradores, assume uma referência positiva, na medida em que é descrita como possuidora de uma infra-estrutura que é deficitária no distrito. Nessa mesma linha de pensamento, outra moradora considera que “a vida na cidade é melhor do que no interior, pois tem hospital e água encanada. Na cidade é também mais fácil fazer compras porque é mais barato” (FRANCISCA DOURADO, pesquisa de campo, 2005).

A imagem da cidade de Manaus na fala dos moradores se assemelha a uma das cidades imaginárias descritas por *Marco Pólo*, nas viagens diplomáticas feitas a mando do imperador *Kublai Kan*. Na obra *As cidades invisíveis*, Ítalo Calvino descreve uma variedade de cidades distintas, umas perfeitas, outras nem tanto. A realidade de cada cidade é repleta de mistérios e descobertas que podem se

revelar ou não para os sujeitos de fora, ou melhor, para os estrangeiros que visitam cada uma das cidades.

A imagem que se faz de um lugar nem sempre corresponde à realidade existente nele; muitas vezes essa realidade depende de quem a vê: “a cidade de quem passa sem entrar é uma; outra para quem é aprisionado e não sai mais dali” (CALVINO, 1990, p.115). Para Calvino (1990), as cidades invisíveis são criações que agregam o real e o irreal, podendo conter ilusões e fantasias. A percepção que os moradores investigados têm da cidade de Manaus salienta as facilidades do comércio, a boa infra-estrutura, entre outros equipamentos sociais, ou seja, aquilo que não existe ou que funciona mais precariamente no Distrito Cacau Pirêra.

Note-se que a vida no espaço fronteiriço também é fortemente orientada pelos padrões da urbanidade; o moderno representa o novo, ao passo que o tradicional é visto como símbolo do atraso. O estilo de vida autóctone vem tornando-se sinônimo de atraso cultural. As tradições soam como algo ultrapassado, provinciano, que “puxa” para trás. É por esse motivo que devemos ter cautela no emprego do termo tradicional, para não ser compreendido como sinônimo de atrasado. Lefebvre (2001, p. 69) diz que “a vida urbana penetra na vida camponesa despojando-a de elementos tradicionais”. Isto é, a urbanidade incide forças violentas sobre a tradição, fazendo com que esta última se mescle com costumes modernos.

Para Lefebvre (1991), o cotidiano moderno sai do plano espontâneo para o semiplanejado, sob forte influência do modo como é organizada a economia capitalista e a sociedade de consumo no contexto urbano. As mudanças ocorridas no Cacau Pirêra se dão em diversas dimensões. Um dos moradores mais antigos, que foi entrevistado durante a pesquisa de campo, relembra com saudades os tempos passados: “os vizinhos se davam bem, viviam em harmonia. Naquela época era outro modo de viver. Às vezes tinha festa, tinha um barracão que a gente fazia festa uma vez por mês. Vinha a orquestra de Manaus e fazia a festa



aí. Ah, tinha também um time de futebol” (ANTONINO MIGUEL, pesquisa de campo/entrevista, 2005). Antonino Miguel é um agricultor de 79 anos, que se radicou no Cacau Pirêra desde muito jovem, ainda na época da colônia agrícola, casou-se com uma migrante japonesa e constituiu família na localidade.

A vida caminhava em outra direção, as relações de amizade e de solidariedade eram mais fortes e a confraternização dessas pessoas era freqüente e menos impessoal do que nos tempos atuais. O cotidiano era mais compartilhado entre os moradores do Cacau Pirêra. Havia mais proximidade, companheirismo e cumplicidade entre os habitantes locais.

A modernidade atua modificando os costumes do passado. Os meios de comunicação são alguns dos canais que a modernidade utiliza para fixar os padrões que devem ser usados, consumidos e adotados pela população. É relevante destacar, por exemplo, que em todas as casas visitadas no Cacau Pirêra, há pelo menos um veículo de comunicação: rádio, televisão ou telefone, sendo isto uma forma de favorecer a domesticação das tradições pela modernidade. Morin (2003) sustenta a idéia de que o capitalismo é fortalecido por uma fabulosa expansão da informática e da informação que invade todos os setores da vida humana.

Nessa medida, é comum observar no distrito padrões de comportamento semelhantes aos vistos na cidade de Manaus. A moda chega pela televisão e aos poucos ganha espaço nas ruas do distrito. A linguagem também se modifica bastante, bem como os hábitos de um modo mais geral, tais como as formas de trabalho e de lazer.

Manaus, símbolo do urbano e do moderno, não desperta só aspirações positivas na população que reside no Cacau Pirêra, parece constituir-se também numa teia confusa, composta de sentimentos diversos: medo, ansiedade, desejo etc. É o que observamos na fala de um dos sujeitos ouvidos: “eu acho a vida na cidade muito perigosa. A cidade é boa por um lado e por outro não. Lá eu estou no meio de estranhos. Aqui os meus vizinhos todos me acompanham”

(EDNÉIA CARDOSO, pesquisa de campo, 2005). Fica claro nesta fala que a moradora, mesmo reconhecendo as potencialidades da cidade de Manaus, prefere residir no distrito em razão de sua ligação afetiva com o local e dos laços de solidariedade com os vizinhos e amigos.

Os moradores do Cacau Pirêra apreciam a cidade de Manaus tendo em mente sua arquitetura moderna constituída por muitos prédios, *shopping centers*, equipamentos sociais, acesso aos bens e serviços, como escolas, hospitais e comércio, mas percebem também o lado ruim da vida na cidade, como, por exemplo, a violência, a marginalidade, a poluição etc.

A fala da moradora Ednéia é reveladora nesse sentido: “Manaus é bonita de longe, mas a gente não pode viver direito. É muito perigoso. O meu esposo teve que parar de estudar porque foi agredido três vezes e, foi por isso, que nós viemos para cá” (pesquisa de campo, 2005). É interessante destacar que esta moradora reside há apenas quatro anos em um flutuante nas proximidades do porto. Ela e sua família saíram da cidade de Manaus para residir definitivamente no distrito Cacau Pirêra em busca de levar uma vida mais tranqüila longe da violência.

No imaginário dos moradores, a cidade de Manaus apresenta impressões difusas: se, por um lado, é o local ideal para se viver, pois nela estão os equipamentos de saúde, educação, comércio, habitação e transporte de qualidade superior aos que existem no Cacau Pirêra; por outro lado, é também espaço de violência, de marginalidade entre outros perigos.

Durante a pesquisa de campo ficou explícita a visão conflituaosa que os moradores do Cacau Pirêra têm em relação à cidade de Manaus. É possível observar este dado na fala de vários moradores como vimos até aqui. Além da criminalidade, há também, no argumento dos moradores, a preocupação com a questão do emprego e da obtenção de renda em dinheiro no âmbito urbano. Uma moradora afirma que “além da agitação e da violência, a cidade também é ruim pela falta de oportunidade, tudo que você precisa para sobreviver depende



do dinheiro. Aqui não, a gente pesca, faz um bico e vive” (MARIA INEZILA, pesquisa de campo, 2005).

Confirma-se aqui a idéia de Bourdieu (1979, p. 54) sobre um dos principais aspectos da transição da economia tradicional para a economia do mundo moderno, que é o aparecimento da necessidade absoluta e universal de uma renda em dinheiro como condição *sine qua non* para a vida. É por isso que o trabalho ocupa posição central no mundo moderno, relegando ao segundo plano as outras realizações da vida.

A necessidade de se ter dinheiro é uma das características da modernidade que já se tornou uma constante no distrito Cacau Pirêra. Como muitas famílias deixaram de praticar as atividades de subsistência, o dinheiro é a única forma de viabilizar os produtos necessários à manutenção da vida. E para se ter acesso ao dinheiro, os moradores adentram no mercado formal e informal de trabalho, seja nas fábricas de tijolos, seja como vendedor ambulante, entre outras formas de trabalho.

Para Carlos (1997), a vida nas cidades, principalmente nas grandes metrópoles, é marcada pela supremacia do objeto sobre as relações humanas. Para essa autora, a cidade moderna não deixa de ser uma grande vitrina de mercadorias, de onde as pessoas vêm e aonde vão sem deixar rastros de amizade e solidariedade. Neste meio, o homem tem seu potencial criativo reduzido drasticamente e passa a ser visto como consumidor de mercadorias, as quais cada vez mais têm um tempo de uso menor. É para esta situação que a autora emprega o termo “nova urbanidade”.

A nova urbanidade é um fenômeno que pode ser visualizado também em áreas fronteiriças que são amplamente afetadas pela dinâmica da vida citadina, como é o caso do distrito Cacau Pirêra. Os moradores dessa localidade apresentam características de consumo bem parecidas com as dos moradores de áreas urbanas. A exemplo disso, pode-se destacar o seguinte dado revelado na pesquisa: os moradores dos flutuantes, quando questionados sobre o principal

motivo que os levam a ir à capital, 50% dos mesmos informaram que se deslocam até a cidade pelo menos uma vez por semana para fazer compras. Compras estas que envolvem desde gêneros de primeira necessidade até mesmo roupas, calçados e eletroeletrônicos.

Para Carlos (1997), o sistema capitalista se caracteriza pela criação de mercadorias, as quais assumem posição de destaque nas relações sociais. As mercadorias ou objetos intermedeiam as relações entre as pessoas e reforçam ainda mais o individualismo na sociedade capitalista. A tecnologia e a informação acabam por criar um abismo entre as pessoas, comprometendo cada vez mais essas relações. O emudecer das pessoas diante da televisão é o maior exemplo disso. E a maior contradição está justamente no fato de que a tecnologia deveria aproximar as pessoas e não afastá-las. Nos interiores amazônicos, o costume de ficar na frente das casas à noite é pouco a pouco substituído pelo acompanhamento das novelas das grandes emissoras, que emudecem não só a família, mas a vizinhança.

O reino dos objetos cria necessidades a todo instante e reforça cada vez uma sociedade de consumo. O mundo moderno é movido pelas mercadorias. É o mundo do ter e não do ser, onde “o poder social é mais do que nunca mediado pelo poder sobre as coisas que são dotadas de prestígio e poder, o que produz uma hierarquia de objetos paralelamente ou imbricada à hierarquia social” (CARLOS, 1997, p. 208). Ou seja, o poder sobre os objetos determina as relações sociais. É um mundo de interesses, onde quem determina é quem possui mais dinheiro e, conseqüentemente, mais mercadorias.

Segundo Carlos (1997), a cidade é o local dos conflitos. É o palco da vida moderna, lugar que encanta e que deslumbra, mas ao mesmo tempo desencanta e frustra. A contradição se dá em diversos níveis, seja na economia, na política, na sociedade ou na cultura.

Na fala dos sujeitos da pesquisa, a cidade é revelada sob a ótica da contradição, pois ao mesmo tempo em que é idealizada como o local para viver



com conforto e praticidade, também são apontados os aspectos negativos da violência e do risco de vida presentes no meio urbano. A cidade comporta um emaranhado de relações complexas, podendo se concluir que a cidade constitui-se no espaço por excelência dos conflitos, crises e superações.

De acordo com Oliveira (2000a), a cidade não é apenas aquilo que se mostra nas aparências, é o espaço do vivido, que contém vida e história construídas no cotidiano, a partir de uma dimensão de espaço e de tempo. É no cotidiano que os homens constroem os espaços urbanos e estruturam a vida. A vida é a história em movimento, movimento de ir e vir, de imitar e de criar, de resistir e de ceder, enfim, de encantar e de desencantar.

Os encantos da vida no Cacau Pirêra podem passar despercebidos, principalmente para os que são de fora, mas para os moradores locais o sentido de viver no distrito está na simplicidade da vida, na amizade com os vizinhos, na modéstia e na tranquilidade que ainda resiste na localidade. Um dos moradores mais antigos da localidade considera que o distrito é um excelente lugar para morar: “eu amo esse lugar, eu gosto muito daqui, não penso em sair daqui nunca, aqui é uma tranquilidade, uma paz, todo mundo se conhece e não perigo” (ALCIMAR DUARTE, pesquisa de campo/entrevista, 2005)

Todos os argumentos do morador podem parecer irrelevantes para os que já foram domesticados pela lógica da vida moderna, mas ainda têm muito valor para os que não foram, ou mesmo para aqueles que estão na fronteira do tradicional e do moderno, como é o caso dos habitantes do Cacau Pirêra.

Rubens Pimentel, um dos moradores mais antigos do distrito, chegou na década de 1950, ainda nos tempos de colônia agrícola federal, afirma que o Cacau Pirêra é o melhor lugar do mundo para se viver e que não trocaria a localidade nem mesmo pela sua terra natal. Nascido no Espírito Santo, Rubens diz que não possui nenhuma intenção de retornar para sua terra e declara seu amor pelo Cacau Pirêra: “o Estado do Amazonas é a terra mais querida do mundo, mas o

melhor lugar daqui chama-se Cacau Pirêra. O Amazonas é lindo e o Cacau Pirêra completou a minha existência” (pesquisa de campo/entrevista, 2005).

A vinculação com o lugar é decorrente de muitos anos de experiências de vida no espaço amazônico, estabelecendo relações com o trabalho na terra, na água e na floresta. A vida dura nas áreas rurais da Amazônia exige muita determinação e conhecimento das particularidades regionais para sobreviver a cada dia. Rubens veio para o Cacau Pirêra como funcionário do INCRA e depois pediu exoneração para trabalhar como agricultor e trabalha até os dias atuais na agricultura. Ele radicou-se no Cacau Pirêra desde muito jovem, formando sua família e criando seus filhos neste lugar.

Hoje, nos altos dos 61 anos, fala dos filhos e de sua história com orgulho de um guerreiro: “eu cheguei aqui solteiro com menos de 20 anos. Aqui tudo para mim foi bom. Aqui eu arrumei esposa e filhos. Todos eles vivem trabalhando comigo, todos os meus filhos têm o segundo grau, mas acharam que deviam continuar puxando enxada comigo”.

Rubens Pimentel é um exemplo de vida, história e memória do Distrito Cacau Pirêra. Apaixonado pelo local onde vive, Rubens expõe as impressões negativas que tem da cidade, deixando claro que não se sente bem quando precisa se deslocar até Manaus:

Já tem dois anos que eu não vou a Manaus. Eu não gosto de movimento, de barulho. Eu acordo e durmo cedo. Eu não tenho nada para fazer em Manaus, se eu for lá eu perco meu dia. Eu não agüento aquele barulho, aquele mormaço, aquela fedentina de diesel (RUBENS PIMENTEL, entrevista/2005).

A imagem que o informante faz da cidade salienta apenas os aspectos negativos da capital, o que se deve ao nível de afeto que nutre pelo local onde vive. A vida simples do interior amazônico é sinônimo de realização para os povos tradicionais. A energia que dá vigor e sentido à vida vem da relação com a terra, com a água e com a floresta.



A vida na Amazônia só pode ser compreendida a partir da interação entre homem e meio natural. A relação visceral que os homens amazônicos possuem com a natureza é a chave para o entendimento dos estilos de vida na Amazônia. O homem amazônico constrói seus modos de vida a partir das intensas e íntimas relações que mantém com os diversos elementos da natureza, basicamente: terra, água e floresta (WITKOSKI, 2006). Nessa inter-relação entre *homem-terra-água-floresta* a vida é vivida, produzida e reproduzida com sentido e encantamento.

O encanto pela vida concentra-se na plenitude em que se vive. A vida é vivida intensamente com sabedoria e imenso respeito à natureza. O homem amazônico traz, de experiências secularmente aprendidas, o desapego à matéria e a tudo mais que dilacera sua integridade e desvirtua seu encanto pela vida.

Nas comunidades tradicionais, o bem-estar coletivo se sobrepõe ao individual dando provas de que, ao invés de atraso cultural, vive-se em “avanço cultural” em relação à sociedade capitalista. A essência da vida é eivada por ideias que apontam para o bem-estar da coletividade.

Para compreendermos o significado e a importância do sonho e da utopia na vida dos moradores do Cacau Pirêra, recorreremos a Cioran (1994), que considera a utopia como uma espécie de sonho que divaga entre a ingenuidade e a loucura, e que se caracteriza pela imaginação da felicidade plena. A utopia nutre a alma de esperanças pela vida. É o alimento da vida. “A vida sem utopia se torna irrespirável, para a multidão pelo menos, sob pena de petrificar-se. O mundo necessita de um delírio novo” (CIORAN, 1994, p.22).

O sonho de uma vida melhor longe das dificuldades permeia o imaginário de vários moradores conhecidos durante a pesquisa de campo. Mesmo aqueles que apreciam a vida simples na localidade, sonham também com melhorias para o lugar. Apesar do apego às tradições, muitos moradores com os quais tivemos contato durante a pesquisa de campo nos falam que gostariam de ver o Cacau Pirêra mais urbanizado e mais moderno. Uma das moradoras entrevistadas reconhece que as mudanças ocorridas foram intensas, mas que elas precisam

continuar ocorrendo para o bem do distrito: “muita coisa ainda precisa mudar, precisamos refazer o Cacaú. Precisa vir o asfalto, a água de qualidade, um porto fixo e possivelmente a ponte que ligue a gente a Manaus” (MARIA MADALENA, entrevista/2005).

A vontade de mudança está relacionada à superação das dificuldades pelas quais passa a população do distrito. As ruas improvisadas e precárias, a falta d’água constante e a mobilidade obrigatória do porto durante a vazante e a seca são apenas alguns dos problemas enfrentados coletivamente pelos moradores.

No cotidiano, a vida se realiza em suas múltiplas dimensões. As lutas, as resistências e as inovações se movimentam nesse espaço, dando sentido e expressão à vida. Segundo Lefebvre (1991), o cotidiano abarca a sobrevivência e a não-sobrevivência, ou seja, a vida e a morte, a dor e a alegria, a esperança e o desespero. É um espaço plural e de muitas contradições.

O cotidiano é composto pelos fragmentos da vida vivida que juntos formam a história. Tempo, espaço e homens são responsáveis pela dinâmica da vida em qualquer lugar do mundo. E a vida só é construída nesta dinâmica dos acontecimentos cotidianos.

É a partir das relações humanas construídas no espaço e no tempo que a vida assume significado. Tempo e espaço são categorias importantes para a compreensão do cotidiano porque delimitam as condições sociais, econômicas, políticas e culturais do mesmo. O cotidiano não é só o lugar da rotina e do repetitivo; é também o lugar do novo. É o local privilegiado para colocar em prática os sonhos e as utopias.

O cotidiano, em Lefebvre (1991, p. 31), é a seqüência de vida prática que envolve os acontecimentos reais: “o cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego de tempo”.

O cotidiano contém os processos que dão origem à configuração do espaço, seja ele urbano ou não. Oliveira (2003) considera que o cotidiano está



no vivido delimitado no espaço e no tempo histórico. E nesse cotidiano está a possibilidade de transformação da realidade, ou seja, de realização dos sonhos e utopias.

O cotidiano é vida em movimento e essa movimentação é densa de transformações. A sociedade se metamorfoseia e com ela o cotidiano simultaneamente. Retomando Lefebvre (1991), ele destaca que o cotidiano não é cumulativo, mas sempre resguarda algo do passado ou mesmo as conseqüências deste. No Cacau Pirêra, o cotidiano se modificou bastante ao longo dos anos, mas é possível verificar resquícios de hábitos e costumes dos tempos passados presentes ainda hoje na vida dos moradores da localidade.

A agricultura, a pesca e caça ainda praticada por alguns moradores é uma maneira de manter laços com o passado. O cotidiano dos moradores é permeado por contribuições de épocas passadas. O conhecimento do solo, das espécies mais cultiváveis, do fluxo das águas e do clima mais apropriado para a plantação são alguns dos saberes tradicionais que estão presentes nos tempos atuais na vida dos povos tradicionais amazônicos.

Há no cotidiano e na configuração do espaço inúmeras evidências da tensão entre o tradicional e o moderno. A continuidade do uso das canoas para a pesca e para a locomoção é um importante sinal de resistência e preservação dos hábitos tradicionais amazônicos. A domesticação dos estilos de vida tradicionais no Cacau Pirêra não se dá por completo, pois as tradições são fortes e insistem em aparecer onde e quando se menos espera.

É importante registrar as mudanças na mentalidade dos moradores, que ao se depararem com situações tipicamente urbanas, percebem-se como cidadãos com direito não só à cidade, mas à cidadania no sentido lato. A politização é um processo lento, que se dá articulado às condições de vida e de organização da população. A tomada de consciência e a resistência não ocorrem por acaso, são determinadas pela realidade socioeconômica, política e cultural das pessoas. Como bem afirma Oliveira (2000, p. 31) “a resistência não é uma dádiva,

pressupõe de um lado que as pessoas tenham condições de sobrevivência, e de outro, que se contraponham ao que lhe é imposto sem perder a capacidade de indignação e de revolta”.

A indignação e o descontentamento são elementos presentes na fala dos habitantes do Cacau Pirêra: “eu acho que os governantes, os vereadores e os prefeitos deveriam olhar mais para o Cacau porque nós somos meio esquecidos por eles. Eles ficam lá para o Iranduba e esquecem da gente aqui” (MARIA ESPERANÇA, pesquisa de campo/entrevista, 2005).

Há entre a maioria dos habitantes uma insatisfação pelo fato do Cacau Pirêra permanecer ligado ao município de Iranduba. A população se queixa da falta de atenção ao distrito e alguns acreditam que, se o distrito passasse a ser um município, isto daria melhores condições de vida aos seus moradores. Uma moradora aponta para esses horizontes: “esperamos e temos fé em Deus que um dia nós passaremos a município, porque hoje nós já temos como engatinhar como município. Além do Cacau Pirêra ser perto de Manaus, nós temos tudo” (MARIA MADALENA, pesquisa de campo/entrevista, 2005).

O sonho de tornar o Cacau Pirêra um município já existe individualmente nas aspirações de alguns moradores entrevistados. O que ainda não há é a consciência coletiva caminhando nesse sentido. Talvez daqui a algum tempo isso se torne realidade porque o sonho e a utopia são os alimentos da vida como afirmamos anteriormente. O sonho de hoje pode tornar o amanhã diferente.

Nas fronteiras da vida, os homens amazônicos sonham um futuro melhor sem tantas adversidades. No Cacau Pirêra, esse sonho está atrelado a melhores condições de vida e de trabalho, longe da violência, da marginalidade e da miséria. O futuro ideal para os moradores dessa fronteira amazônica é uma mistura entre as vantagens advindas com a modernidade e a manutenção de hábitos tradicionais, que fazem da vida um espetáculo de realizações.

Nota



¹ O surgimento do Cacau Pirêra está associado aos projetos federais de ocupação e desenvolvimento da Amazônia. Pensado para ser um pólo agrícola de suporte e abastecimento da capital do Estado do Amazonas, o Cacau Pirêra foi fundado em 1946 como Colônia Agrícola Nacional do Amazonas (CANA), por iniciativa do Ministério da Agricultura. Foi mais intensamente ocupado no decorrer dos anos de 1950, quando uma grande quantidade de colonos japoneses foi alocada nas suas terras. Naquela época, o distrito era uma das colônias de exploração do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que ainda não tinha essa denominação.

Referências

BOURDIEU, P. *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, A. F. A. A construção de uma nova urbanidade. In: *A cidade e o Urbano: as para debates*. Fortaleza: EUFC, 1997.

CARVALHO, E. de A. A complexidade do Imaginário. *Leituras da Amazônia: revista internacional de arte e cultura*, publicação do Instituto de Ciências Humanas e Letras: Mestrado de Letras e Natureza e Cultura na Amazônia, da Universidade do Amazonas e Universidade Stendhal-Grenoble 3 – CRELIT. Ano 1, n. 1 (abril, 1988 / fevereiro, 1999). Manaus: Editora Valer, 1999.

CIORAN, E. M. *História e utopia*. Tradução de José Thomas Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. 2ªed. Portugal: Editora Estampa, 1994.

MORIN, E. *Cultura de massa no século XX: necrose*. Tradução de Agenor Soares Santos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

OLIVEIRA, J. A. de. *Cidades na selva*. Manaus: Valer, 2000.

_____. *Manaus de 1920 a 1967: a cidade doce e dura em excesso*. Manaus: Valer/Governo do Estado do Amazonas/Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2003.

WITKOSKI, A. C. *Terra, floresta e água: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: Edua, 2006. (Série: Amazônia: A terra e o homem).

